**A TRADUÇÃO DO INGLÊS AFRO-AMERICANO EM OBRAS FÍLMICAS:
REFLEXÕES SOBRE TRÊS ESTUDOS DE CASO**

Diana Ribeiro Araújo¹

Vanessa Lopes Lourenço Hanes²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as traduções do African American Vernacular English em obras fílmicas norte-americanas distribuídas no território brasileiro, em legendas e dublagens, considerando que não há um correspondente direto desta forma dialetal no português brasileiro. A base teórica adotada inclui conhecimentos da área dos Estudos Descritivos da Tradução e da Sociolinguística, com especial ênfase no tratamento de variações linguísticas no português escrito e falado.

Palavras-chave: African American Vernacular English; Estudos Descritivos da Tradução; tradução audiovisual; variação linguística.

Abstract: This paper analyzes the translations of African American Vernacular English in subtitled and dubbed American movies distributed to the Brazilian market, considering the fact that there is not a direct correspondent for this dialect in Brazilian Portuguese. The theoretical basis of the study includes literature on Descriptive Translation Studies and Sociolinguistics, particularly emphasizing how linguistic variation is dealt with in written and spoken Portuguese.

Keywords: African American Vernacular English; Descriptive Translation Studies; audiovisual translation; linguistic variation.

Introdução

As variedades dialetais da língua inglesa chamadas de inglês afro-americano ou, originalmente, de *African American Vernacular English* (doravante denominado AAVE), constituem um objeto de grande riqueza para análise no âmbito dos Estudos da Tradução, devido às suas particularidades e aos consequentes desafios que tais particularidades representam para o fazer

---

¹ Graduanda em Letras – Português/ Inglês pela Universidade Federal Fluminense.

² Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Estudos da Tradução (2011) e Doutora em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade Federal de Santa Catarina, com período de estágio doutoral na Universidade da Antuérpia, Bélgica.

tradutório. Ainda assim, talvez por conta até da história relativamente recente dos Estudos da Tradução no Brasil, poucas pesquisas são encontradas que abordem estas variedades em tradução, particularmente na subárea da tradução audiovisual.

Diante dessa aparente escassez de estudos sobre o tema, o presente artigo apresenta de maneira condensada os resultados de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida ao redor das representações do AAVE nas legendas e dublagens de três obras fílmicas hollywoodianas: *Fences* (no Brasil, intitulada *Um limite entre nós*), *The color purple* (*A cor púrpura*) e *Ray* (*Ray*). Os critérios para seleção destes filmes são apresentados em detalhe na seção de metodologia deste artigo. O objetivo deste trabalho é observar e descrever de que maneira é tratado o discurso negro norte-americano nas obras fílmicas selecionadas traduzidas para o público do Brasil, a partir do entendimento de que não há um correlato ao AAVE no português brasileiro.

É importante observar que, em se tratando de tradução de obras fílmicas, há dois tipos de abordagens tradutórias mais amplamente conhecidas e realizadas: aquela que produz uma tradução em formato oral (a dublagem), e a que resulta em uma tradução escrita (a legendagem). Essas duas modalidades de tradução envolvem a necessidade de atentar para elementos distintos, incluindo por exemplo entonação, marcadores discursivos, e turnos de fala para a dublagem; e pontuação, tempo de exposição em tela, e número de caracteres para a legendagem. A partir disso, temos dois processos a serem analisados, cada um com suas especificidades. Remael pontua que os materiais audiovisuais “são formados de sinais áudio-verbais (as palavras pronunciadas), sinais áudio-não verbais (todos os outros sons), sinais verbo-visuais (escrita), e sinais visuais não verbais (todos os outros sinais visuais)”³ (REMAEL, 2010, p.13, tradução nossa). Assim, pode-se questionar, a partir dos dados apresentados adiante, se algumas características fundamentais da obra original não são alteradas quando esta é apresentada em tradução à cultura alvo, considerando em especial a possibilidade de apagamento de um aspecto tão intrínseco das películas: a linguagem utilizada pelas personagens.

Certamente a presença do AAVE em uma obra fílmica adiciona mais um nível de complexidade à sua tradução, pois “a transição da oralidade para a escrita coloca certos desafios e levanta a questão de se o discurso não-padrão, como sotaques e traços muito coloquiais, pode ser efetivamente reproduzido na escrita.”⁴ (CINTAS, 2010, p. 346, tradução nossa) Levando em

---

³ They are composed of audio-verbal signs (the words uttered), audio-nonverbal signs (all other sounds), visual-verbal signs (writing), and visual nonverbal signs (all other visual signs)”

⁴ “The transition from oral to written poses certain challenges and raises the question of whether non-standard speech, like accents and very colloquial traits, can be effectively rendered in writing.”

consideração este constante questionamento que permeia a tradução de dialetos acerca da (im)possibilidade de traduzir efetivamente a oralidade, e ainda tendo como base a experiência prévia de exposição das autoras a obras fílmicas traduzidas para o público brasileiro, este trabalho partiu da hipótese inicial de que, num estudo sistemático da tradução para legendagem e dublagem de falas que contenham o AAVE, observar-se-ia um apagamento da presença dialetal do original em favor da gramática normativa do português brasileiro. Esta hipótese também parecia ter amparo academicamente nos achados de estudos anteriores acerca de obras literárias (ver, entre outros, Paganine, 2011), nos quais concluiu-se haver uma tendência a traduzir dialeto como não-dialeto.

A abordagem teórico-metodológica da pesquisa

A abordagem teórica principal selecionada para direcionar esta análise foram os Estudos Descritivos da Tradução, uma perspectiva que “corresponde a uma aproximação descritiva, empírica, interdisciplinar, orientada para a língua alvo (...)” (ROSA, 2010, p. 94, tradução nossa). Ou seja, a abordagem descritivista foi adotada por visar compreender e descrever o fenômeno tradutório em tela, lançando mão inclusive de elementos paratextuais caso preciso, mas sem o intuito de julgar a qualidade do produto tradutório final. Visa-se aqui, em última instância, a busca do que Toury (1995) classificaria como regularidades nas traduções analisadas, e o estabelecimento de possíveis relações entre estas regularidades e o sistema sócio-cultural brasileiro.

Para conseguir ir além da análise textual por si só, adotaremos também a linha da sociolinguística laboviana, a qual estuda a variação e a mudança da língua no contexto social em que é falada:

a língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p.101). (COAN e FREITAG, 2010, p. 175)

O AAVE não corresponde ao inglês tido como normativo, embora compartilhem aqui da perspectiva de que o conceito de língua padrão não passa de um mito (LIPPI-GREEN, 1997), por se tratar de uma língua idealizada utilizada por falantes idealizados. Por conta de sua fuga

do suposto padrão, o AAVE é estigmatizado na sociedade norte-americana. E o mesmo ocorre com algumas variantes orais do português brasileiro, que são vítimas de preconceito linguístico e vistas como incorretas frente à gramática normativa, como já demonstrou Bagno (1999) em sua análise da mitologia do preconceito linguístico. E essas questões relativas à língua vernácula têm reverberações diretas na prática da tradução. Em obras literárias, por exemplo, o AAVE tem sido por vezes traduzido por variantes orais não aceitas pela gramática normativa brasileira (ver, dentre tantos exemplos possíveis, as edições brasileiras do livro *A cor púrpura*).

Inicialmente, empreendeu-se a elaboração de um estado da arte acerca do que já foi pesquisado com relação à temática abordada, para assim compreender a relevância do trabalho proposto e, ao mesmo tempo, fazer uma contribuição verdadeiramente inovadora para o debate acerca da tradução do AAVE no Brasil. Já no início da pesquisa sobre a tradução do AAVE para o português brasileiro, foi possível perceber que os estudos que o abordam são em sua maioria voltados para a tradução literária, figurando entre as obras mais analisadas os livros *The Color Purple* e *The bluest eye* (como nos trabalhos de VALENTE, 2010; SARIAN, 2002). Foi possível encontrar ainda um trabalho com enfoque no livro *Invisible Man* (REMPEL e AMORIM, 2013) e um estudo sobre o livro *The adventures of Huckleberry Finn* (COAN e FREITAG, 2010).

Ao pesquisar sobre o que tem sido dito no Brasil a respeito de abordagens do AAVE na tradução de obras cinematográficas, incluindo legendagem e dublagem, foram encontrados apenas dois trabalhos: uma proposta de autoria de Brito (2013), que visa trabalhar o uso da partícula “ain’t” no filme *The Unforgiven*, de Clint Eastwood, e o artigo intitulado “Variação em legendas de filme traduzidas: representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados” (RODRIGUES e SEVERO, 2013). No primeiro trabalho o foco da proposta são “os porquês da recorrência [da partícula], muitas vezes abusiva, e a relação que há entre seu uso e o contexto social em que ela se insere” (BRITO, 2013, p. 1), tratando assim de um caso muito específico, com foco no uso de determinada linguagem na sua forma original e não realmente em sua tradução para outra língua. O segundo trabalho está mais relacionado ao assunto da presente pesquisa, visto que tem por objetivo

discutir certas práticas de tradução de legendas e dublagens fílmicas a partir de uma descrição panorâmica de escolhas linguísticas feitas na língua-alvo (português brasileiro) que não consideram especificidades linguísticas, discursivas e ideológicas da língua de partida (inglês norte-americano). (RODRIGUES e SEVERO, 2013, p. 2)

No texto de Rodrigues e Severo (2013), a obra analisada é o filme *Escritores da Liberdade*, e apesar de ser mencionada a questão do AAVE e da tradução de ocorrências que não reproduzem a língua padrão, o foco são as diferenças entre a dublagem e a legendagem, visto que, como já dito, nesta última, por ser uma representação escrita, não é comum que se permitam as marcas de oralidade presentes na primeira.

A busca por trabalhos que fizessem menção ao assunto foi feita através da ferramenta Google Acadêmico e foram utilizadas as seguintes entradas: black english tradução / "african-american vernacular english português" / "african-american vernacular english legendas português" / "inglês afro americano português" / "inglês afro americano tradução português" / "inglês afro americano legendas português" / "aave legendas português" / "black english literature" / "black english literatura" / "tradução de black english" / "aave filme" / "black english legenda" / "tradução black english legenda" / "tradução black english dublagem" / "tradução aave dublagem" / "tradução aave legenda" / "inglês afro americano legendas português" / "black english legendas português" / "aave legendas português".

Foram desconsideradas as entradas que não analisavam obras literárias ou fílmicas, visto ser grande o número dos trabalhos que abordam o AAVE de forma mais geral, sob perspectivas identitárias, sociais e linguísticas. O grande volume desses tipos de trabalho teria tornado esta pesquisa demasiadamente extensa e, portanto, optou-se por priorizar os textos diretamente ligados ao tema abordado.

Após a elaboração do estado da arte, passou-se ao trabalho de eleição de critérios e seleção do corpus. As três obras fílmicas trabalhadas foram selecionadas pois foram indicadas ao mais conhecido prêmio do cinema, o Oscar, o que demonstra o seu prestígio; ademais, tiveram ampla divulgação no Brasil, o seu elenco é formado na totalidade ou majoritariamente por atores negros, e elas focalizam diversos aspectos da situação social do indivíduo negro norte-americano.

Posteriormente passou-se ao trabalho com o corpus selecionado em si. As três obras fílmicas consideradas foram assistidas em sua totalidade e todas as ocorrências de uso do AAVE observadas foram tabuladas, juntamente com suas traduções para legendagem e dublagem (quando havia essa opção)⁵, até os 45 minutos de cada obra. Os resultados encontrados seguem abaixo.

---

⁵ Nas cópias em formato DVD adquiridas para o estudo, a dublagem estava disponível nas obras *Um limite entre nós* (*Fences*) e em *Ray* (*Ray*); entretanto, não constava na cópia de *A cor púrpura* (*The color purple*)

Resultados

Os achados para as três obras fílmicas foram extensos, apesar de somente uma amostra de cada filme ter sido considerada, visto que após determinado tempo de reprodução as ocorrências começam a se repetir. Devido a esta extensão, serão apresentadas aqui três tabelas contendo apenas os dez primeiros achados referentes a cada filme considerado, com suas respectivas traduções para dublagem e legendagem. A última coluna das tabelas traz as observações das autoras acerca das diferentes abordagens tradutórias. As tabelas contendo a totalidade das ocorrências encontradas podem ser disponibilizadas mediante solicitação individual.

Obra: *Fences (Um limite entre nós)*

Ref.	Tempo	Inglês	Legenda	Dublagem	Observações
1	00:53	Troy, you oughta stop that lying.	Troy, é melhor parar de mentir.	Troy, você devia parar de mentir.	Elevação de registro na legenda devido à construção verbal segundo a norma culta, diferindo do texto-fonte.
2	00:54	I ain't lying.	Não estou mentindo.	Eu não tô mentindo.	Elevação do registro na legenda com uso do sujeito oculto, uso da forma prescrita do verbo na legenda e apagamento da construção verbal não-padrão característica do AAVE.
3	01:13	I ain't got no time for them kinda people.	Não tenho tempo pra essa gente.	Não tenho paciência pra esse tipo de gente.	Apagamento da forma verbal e da dupla negativa características do AAVE.
4	06:41	I ain't mind the outhouse none.	Nem ligo para o banheiro fora.	A casinha não me incomodava não.	Apagamento da forma verbal e da dupla negativa características do AAVE.
5	08:53	There ought not never have been no time called "too early".	Não deveria existir uma época "cedo demais".	Não devia existir um tempo chamado cedo demais.	Elevação do registro com uso do futuro do pretérito e eliminação da utilização de duplas negativas.
6	17:57	'Cause i don't throw my money away on them streets.	Porque não saio por aí rasgando dinheiro.	Porque eu não jogo meu dinheiro fora na rua.	Elevação do registro com uso do sujeito oculto na legenda, omissão da concordância verbal não-padrão e apagamento do uso pronominal segundo a norma do AAVE (them) .
7	18:42	Otherwise, ain't no telling what I might do	Caso contrário, nem sei o que eu faria.	Do contrário não sei o que posso fazer.	Elevação do registro com uso do futuro do pretérito na legenda, e apagamento da dupla negativa e da construção verbal características do AAVE.
8	23:48	I ain't worried.	Não estou preocupado.	Eu não tô preocupado.	Elevação do registro na legenda com uso do sujeito oculto e apagamento da construção verbal característica do AAVE
9	33:03	Go on and scrub down them steps before he come back here hollering and carrying on.	Vá logo esfregar as escadas antes que ele volte aqui gritando e ralhando.	Vai logo esfregar esses degraus antes que ele volte pra casa gritando e xingando.	Elevação do registro através do uso do imperativo e apagamento do uso pronominal segundo a norma do AAVE (them).
10	44:35	I ain't got no tears.	Não tenho mais lágrimas. Secaram	Eu não tenho lágrimas. Já gastei todas.	Elevação do registro na legenda com uso do sujeito oculto e apagamento da dupla negativa característica do AAVE.

Tabela 1. Achados referentes à obra *Fences (Um limite entre nós)*

Obra: *The Color Purple (A cor púrpura)* – nesse caso não havia dublagem disponível para análise.

REF.	TEMPO	ORIGINAL	LEGENDA	OBSERVAÇÕES
1	04:38	You better tell nobody but God.	Não fale a ninguém, só Deus pode saber.	Elevação de registro por uso do imperativo.
2	05:30	Then my mama died, cussing and screaming [...]	Aí mamãe morreu, praguejando e gritando [...]	Elevação de registro pela opção de uso de vocabulário quando comparado ao texto-fonte.
3	06:50	She be almost my age, but they getting married now.	Ela tem quase a minha idade, mas eles vão se casar.	Uso da concordância e da construção verbal prescritas pela gramática normativa.
4	08:20	She oldest and should marry first.	É mais velha, tem de casar antes.	Uso de sujeito oculto e elevação sem a ausência de cópula na construção verbal, característica marcante do AAVE.
5	09:44	Why y'all standing out here waiting?	Por que estão aí parados?	Uso de sujeito oculto e correção no uso do verbo; omissão da utilização de construção pronominal típica do AAVE (y'all).
6	13:18	Dear God, I seen my little girl.	Querido Deus, eu vi a minha menina.	Uso correto do tempo e concordância verbais.
7	13:29	My litte girl looks like she fretting over something.	Minha menina parece triste.	Elevação sem a ausência de cópula na construção verbal, característica marcante do AAVE (she fretting)
8	13:32	She got my eyes, just like they is today	Ela tem os meus olhos, como eles são hoje.	Elevação com a correção da concordância verbal.
9	14:08	Who he?	Quem é ele?	Elevação sem a ausência de cópula na construção verbal, característica marcante do AAVE.
10	14:56	I think she mine. My heart say she mine	Acho que é minha. Meu coração diz que é.	Elevação sem a ausência de cópula na construção verbal, característica marcante do AAVE.

Tabela 2. Achados referentes à obra *The Color Purple (A cor púrpura)*

Obra: *Ray (Ray)*

Ref.	Tempo	Inglês	Legenda	Dublagem	Observações
1	03:11	I may have left my eyes on Omaha beach but I ain't asking no charity from uncle Sam.	Perdi a visão em Omaha, mas não quero que tenham pena.	Posso ter perdido meus olhos durante a guerra, mas eu não tô pedindo caridade do Tio Sam.	Apagamento da dupla negativa característica do AAVE.
2	07:02	Just blew in from Tampa, Florida.	Cheguei de Tampa.	Eu acabei de chegar lá da Flórida.	Apagamento da informalidade da fala com uso de sujeito oculto e escolha de vocabulário que não dá vazão à informalidade do texto originário.
3	07:04	Me and my partner, Gossie McGee, want to fatten up our style.	Eu e o meu parceiro, Gossie McGee, queremos melhorar o estilo.	Eu e meu parceiro, Gossie McGee queremos melhorar o nosso estilo.	Apagamento da gíria.
4	07:06	Cop some licks from some more experienced cats. You dig?	Pegar umas melodias com o pessoal, saca?	Pegar mais ginga com caras mais experientes, entendeu?	Elevação de registro no vocabulário, mas mantendo marcas de oralidade.
5	08:39	So do it, or you and Gossie can haul your asses back down South.	Ou sobe ou volta lá para o sul.	Essa é a sua única chance e por isso vai até lá se não você e o Gossie podem levar seus traseiros embora daqui.	Apagamento de linguagem considerada chula.
6	08:49	This ain't no tobacco, man.	Isso não é tabaco, cara!	Isso aqui não é tabaco, meu chapa.	Apagamento da dupla negativa característica do AAVE.
7	09:47	What do y'all wanna hear?	O que querem ouvir?	O que vocês querem ouvir?	Elevação de registro através do uso de sujeito oculto na legenda, e apagamento de construção pronominal característica do AAVE.
8	10:08	'Bama ain't bad.	O Alabama não é nada mal.	O Alabama é bom.	Apagamento da gíria e apagamento da construção verbal característica do AAVE.
9	11:01	He can flop at my place.	Ele pode ficar na minha casa.	Ele pode ficar na minha casa.	Apagamento da gíria.
10	11:23	I can see that, but mama ain't finished yet.	Estou vendo, mas a mamãe ainda não acabou.	Isso eu posso ver, mas a mamãe ainda não terminou.	Apagamento da construção verbal característica do AAVE.

Tabela 3. Achados referentes à obra *Ray (Ray)***Discussão dos achados: o que as obras fílmicas analisadas tinham a dizer**

A partir dos dados coletados foi possível observar que, com frequência, as legendas não apresentam marcas de oralidade e trazem uma elevação do registro utilizado. Nos casos de *Fences* e *Ray*, isso em geral acontece através da modificação do tempo verbal adotado, da presença de sujeito oculto, e de modificações no vocabulário, descartando-se o uso de gírias e fazendo uso de palavras mais rebuscadas. Em relação à obra *The color purple*, destaca-se a ocorrência de concordâncias verbais de acordo com a norma padrão.

Entretanto, ao nos voltarmos para a dublagem, pode-se notar que as marcas de oralidade estão presentes: há menos utilização de formas prescritas pela norma culta e é forte a presença de gírias, na mesma medida que no original, ainda que claramente não houvesse a diferenciação entre uma forma de expressão profundamente ligada a um grupo social específico.

Parece válido indicar aqui as ocorrências claramente características do AAVE observadas no corpus analisado. Bailey (2007) nos auxilia no entendimento de que estruturas como a construção verbal *ain't* (usada no lugar de *is not/ are not*), a forma pronominal *y'all* (uma construção plural do pronome *you*), o pronome *them* em lugar do pronome demonstrativo *these*, as duplas negativas, e a ausência de uso de algumas construções verbais (o fenômeno que Labov (1972) classifica como “zero cópula” ou “ausência de cópula”) são elementos marcantes do discurso afro-americano, todos eles presentes, por vezes repetidamente, na breve amostra apresentada no estudo aqui desenvolvido. As traduções analisadas, entretanto, transparecem a não-priorização da demonstração da unicidade destes elementos linguísticos, uma vez que eles são quase que em sua totalidade apagados no texto-alvo, tanto na dublagem quanto na legendagem. É importante apontar que não se ignora aqui que muitos destes elementos não possuem equivalentes em variações brasileiras, mas as duplas negativas, por exemplo, são uma possibilidade de elemento recorrente na oralidade, ainda que não sejam necessariamente designadoras de uma variação específica.

Outra questão interessante observada é que a presença ou ausência de marcas de oralidade nas legendas apresenta variação dependendo da distribuidora da obra no Brasil. Enquanto *Fences* e *Ray*, distribuídos pela mesma empresa – a Universal/Paramount –, apresentam mais marcas de oralidade mesmo na legenda, *The color purple* traz uma tradução mais atrelada à gramática normativa. O maior uso de formas regidas pela gramática normativa em *The color purple* pode também estar atrelado ao período de produção da legenda, e esse ponto merece um estudo à parte, visto que com o passar dos anos mais atenção tem sido dada à tradução de dialetos e variedades linguísticas, e maior abertura tem sido observada para a utilização de diferentes abordagens linguísticas na dublagem e na legendagem.

A partir da coleta e observação desses dados, pôde-se confirmar a hipótese inicial de que, no tocante à tradução do AAVE em obras fílmicas norte-americanas distribuídas em território brasileiro, não é possível observar uma variação linguística que busque representar as especificidades do discurso das personagens, a qual é parte intrínseca de sua identidade. Mas percebe-se também abordagens diferenciadas entre as legendas e as dublagens. Ainda que não exista um correlato do AAVE no português brasileiro, a dublagem apresenta algum tipo de

variação em relação ao português padrão. Por outro lado, o que é percebido nas legendas confirma a hipótese de um total apagamento do discurso proferido em AAVE.

Essa diferenciação também confirma a dicotomia existente entre a língua portuguesa padrão escrita e a sua modalidade falada. Uma vez que a dublagem é uma expressão oral, permite-se uma maior liberdade na utilização de gírias, na menor concordância verbal, além do uso de tempos verbais que não são os preconizados pela gramática normativa do português brasileiro no contexto em que aparecem. A legenda apresenta-se como um texto de gramática padrão, evidenciando não apenas o apagamento de um traço fundamental da identidade das personagens, mas também expõe a já conhecida não existência de um dialeto correspondente no Brasil. Esta demonstração da dicotomia entre a comunicação oral e escrita reflete o que é apontado por Gottlieb (1994) ao discorrer sobre a tradução audiovisual, quando fala em tradução diagonal. A tradução diagonal consiste em um processo bi-dimensional, que transforma um discurso oral na língua-fonte em uma expressão escrita na língua alvo (GOTTLIEB, 1994). No mesmo texto, Gottlieb também coloca justamente algumas características que dificultam a transposição das falas para o meio escrito, entre elas o fato de algumas dessas falas apresentarem formas dialetais ou socioletais não comportadas pela gramática padrão, como no caso da presente pesquisa. Cintas, por sua vez, aponta que a “legendagem *pode ser* vista como um suplemento ao programa original que, diferentemente da dublagem, permanece intacto na cultura alvo para todos verem e ouvirem”⁶ (CINTAS, 2010, p. 344, tradução e grifo nossos); mas tal colocação pode ser parcialmente questionada a partir dos dados apresentados. A legenda parece não comportar algumas informações do material audiovisual na tradução do AAVE quando transpõe o seu uso para a gramática normativa, apagando traços fundamentais dos personagens retratados e assim tornando opaca parte da construção da obra. Ainda que se considerem os aspectos técnicos da legendagem apontados por Cintas (2010), como o tamanho da legenda e o tempo de permanência em tela, essas alterações não se justificam, pois muitas vezes as opções adotadas nas legendas são mais longas do que se refletissem a fala coloquial original.

Considerações finais

---

⁶ “Subtitling can be seen as a supplement to the original programme, which, unlike in dubbing, remains intact in the target culture for all to watch and to hear.”

Parece cabível afirmar que, acima de tudo, os achados desta pesquisa indicam a proximidade das relações entre a tradução de materiais audiovisuais e a dicotomia entre o português falado e o português escrito no Brasil, e mostram que estas áreas são um amplo e fértil campo de pesquisa para os estudiosos da língua e da sua transposição.

Trabalhou-se aqui com a hipótese do apagamento de uma variação dialetal específica do inglês, o AAVE, em três obras fílmicas produzidas em diferentes períodos por estúdios de Hollywood. E os resultados mostraram como, na passagem das falas de personagens afro-americanos para o português, as traduções de legendas e dublagens trazem, basicamente, o uso de variações da gramática normativa brasileira. Percebeu-se ainda uma elevação frequente do registro na fala das personagens quando estas são passadas para o meio escrito. Estes dados, entretanto, servem principalmente como indicativo da potencialidade deste tema de pesquisa ainda tão pouco difundido na academia brasileira. Afinal, muitos novos questionamentos surgem a partir daqui. Há muitas outras variações dialetais a serem abordadas e comparadas no contexto audiovisual, em inglês e em tantas outras línguas; há muitas outras obras fílmicas a serem consideradas sob diferentes critérios (por exemplo, qual seria a abordagem na tradução de obras fílmicas menos visadas, em comparação com aquelas voltadas às massas?). Há ainda outras modalidades tradutórias a serem pensadas com relação à mesma temática trazida aqui, o que acrescentaria à complexidade da pesquisa proposta (como, por exemplo, as traduções feitas por fãs e aquelas divulgadas oficialmente através de *streaming*). A cronologia das traduções seria outro aspecto a ser considerado sistematicamente, que provavelmente teria muito a acrescentar para o entendimento das abordagens tradutórias no âmbito audiovisual como um todo. E há ainda a questão da possível relação entre as distribuidoras e as abordagens tradutórias selecionadas na representação de dialetos ou marcas de oralidade, algo brevemente indicado aqui e que careceria de abordagem sistemática e aprofundada para conclusões mais concretas.

Diante de tantas possibilidades para futuras pesquisas, encerramos este artigo em concordância com as palavras de Remael, que nos diz que “a tradução audiovisual definitivamente chegou para ficar e continuará a ser, ainda que sob outro nome, um interessante campo para exploração”⁷ (REMAEL, 2010, p. 16, tradução nossa).

Referências

---

⁷ “AVT is definitely here to stay and will, even by any other name, remain an interesting field for exploration.”

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico – O que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAILEY, Guy H. African American English. In: JOHNSON, E. ; MONTGOMERY, M. (Ed.). The New encyclopedia of southern culture. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007. p.29-35.

137-140. BRITO, Ericson Francisco Marques de. Os efeitos do recorrente uso da partícula “ain’t” no filme “The Unforgiven” de Clint Eastwood. VI ENID - Encontro de Iniciação à Docência e XVII ENIC – Encontro de Iniciação Científica, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2013. Disponível em: <
<http://revistapos.cruzeirosul.edu.br/index.php/enic/article/viewFile/693/574> >. Acesso em: 03 jul 2018.

CINTAS, Jorge Díaz. Subtitling. In: Handbook of Translation Studies, vol. 1. Orgs. GAMBIER, Yves e DOORSLAER, Luc van. Amsterdã/Filadelfia: Ed. John Benjamins Publishing Company, 2010. P. 344-359.

COAN, Márluce e FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. Domínios de lingu@gem, Revista Eletrônica de Linguística, Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010. Disponível em: <
<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618> >. Acesso em: 03 jul 2018.

GOTTLIEB, Henrik. Subtitling: diagonal translation. Perspectives: studies in translatology, v. 2, n. 1, p. 101-121, 1994. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/254334056_Subtitling_Diagonal_Translation >. Acesso em: 04 jul 2018.

LABOV, William. Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PAGANINE, Carolina Geaquinto. Três contos de Thomas Hardy: tradução comentada de cadeias de significantes, hipotipose e dialeto. 2011. 314 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95499>>. Acesso em: 12 set 2019.

RODRIGUES, Tiago Pereira e SEVERO, Cristine Gorski. Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados. TradTerm, São Paulo, v. 22, Dezembro/2013, p. 303-326. Disponível em: <
<http://www.periodicos.usp.br/tradterm/article/view/69134> >. Acesso em 03 jul 2018.

REMAEL, Aline. Audiovisual Translation. Handbook of Translation Studies. In: Handbook of Translation Studies, vol. 1. Org. GAMBIER, Yves e DOORSLAER, Luc van. Amsterdã/Filadelfia: Ed. John Benjamins Publishing Company, 2010. P. 12-17.

REMPEL, Débora Larissa e AMORIM, Lauro Maia. A tradução da identidade linguística afro-americana em “Invisible Man”, de Ralph Ellison: Questões de integração racial e negritude no uso do Inglês vernacular afro-americano. Tradução & Comunicação, Revista Brasileira de Tradutores, No. 26, Ano 2013, p. 9-19. Disponível em: <revista.pgsskroton.com>. Acesso em: 02 jul 2018.

ROSA, Alexandra Assis. Descriptive Translation Studies (DTS). In: Handbook of Translation Studies, vol. 1. Org. GAMBIER, Yves e DOORSLAER, Luc van. Amsterdã/Filadelfia: Ed. John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 94-104.

SARIAN, Maristela Cury. Para uma sociolinguística do texto literário traduzido: um olhar sobre The Color Purple e sua tradução. Revista Gragoatá, Niterói, n. 13, p. 163-179, 2. sem. 2002, p. 163-179. Disponível em: <<http://www.periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33520>>. Acesso em: 02 jul 2018.

TOURY, Gideon. Descriptive translation studies and beyond. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VALENTE, Marcela Iochem. Tradução: mais que um processo entre línguas, uma ponte para transmissão de capital cultural. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, jan./jun. 2010, p. 323-332. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/604/540>>. Acesso em: 02 jul 2018.

THE COLOR PURPLE. Direção: Steven Spielberg. Produção: Kathleen Kennedy, Frank Marshall, Quincy Jones. USA: Warner Bros, 1985. 1 DVD (154 min.).

FENCES. Direção: Denzel Washington. Produção: Scott Rudin, Denzel Washington, Todd Black. USA: Paramount Pictures, 2016. 1 DVD (139 min.).

RAY. Direção: Taylor Hackford. Produção: Taylor Hackford, Stuart Benjamin, Howard Baldwin, Karen Baldwin. USA: Universal Pictures, 2004. 1 DVD (152 min)